

## INTRODUÇÃO

Algumas palavras sobre a vida de John Dos Passos ajudam a compreender melhor a sua obra.

John Dos Passos teve desde criança e durante outros períodos da sua vida um percurso com momentos de dificuldade.

Nasceu em Chicago em 1896 num quarto de hotel, como ele escreveu em «A hotel childhood». Viveu num mundo só de adultos, cresceu em países que não eram o seu. O tempo de colégio interno foi de solidão. Foi o «Frenchy» entre colegas de colégio pela sua pronúncia afrancesada resultante da sua estada em Bruxelas. Era o «Foureyes», pelos óculos de lentes grossas. Sofreu de febre reumática durante longos e dolorosos períodos.

Viveu até muito tarde em hotéis apenas com a mãe. Note-se que só muito tardiamente ele soube o que era uma família. Mudou de nome, de Jack Madison passou a John Rodrigo Dos Passos. Os períodos de felicidade com os seus pais não foram longos. A mãe faleceu era ele um rapaz, e não muito depois faleceu o pai, o «Daddy», o «Commodore». John ficou só no mundo!

A sua educação foi cuidada: frequentou a Choate School e a Universidade de Harvard, onde se formou *cum laude*. Viajou muito, visitou Portugal e viveu em Espanha. Participou na Primeira Guerra Mundial, como condutor de ambulâncias, e avaliou os horrores da guerra. Viu homens perderem a vida, viu homens ficarem mutilados, mulheres perderem os maridos, crianças sem pais, cidades destruídas, países arruinados. Escreveu *One Man's Initiation: 1917*, seguido de *Three Soldiers*, uma das obras mais importantes do escritor.

John Dos Passos escreveu:

*«...A recordação da novela não se desvaneceu ainda... É que a lembrança daquela Primavera de 1919 ainda se não esvaiu o suficiente. Em princípio, qualquer Primavera representa um retorno de outra. Mas naquela Primavera de 1919, Lenine vivia ainda... Surtos de energia pareciam irromper de toda a parte à medida que os rapazes abandonavam os seus uniformes... Para qualquer lado que volvêssemos os olhos, os países do mundo estavam exaustos, morrendo de fome e repletos de ódio, mas prontos para qualquer coisa nova e revolucionária...»<sup>1</sup>*

Dos Passos marcou presença como jornalista na Segunda Guerra Mundial, e de novo avaliou bem os horrores da guerra. Um mundo levando os homens à destruição, à morte, à solidão, à perda de entes queridos, à miséria, tirando a alegria de viver aos que estavam na luta e a todos os que em casa choravam pelos entes queridos.

Escrever sobre John Dos Passos, considerado por Jean-Paul Sartre como «o maior escritor do nosso tempo» (século XX), é um privilégio. É uma honra ter conseguido realizar o meu «American Dream», a homenagem ao escritor, criando o Centro Cultural John Dos Passos, na vila da Ponta do Sol, a terra do seu avô.

John Dos Passos é de origem portuguesa. O seu avô paterno, Manuel Joaquim Dos Passos, deixou a sua ilha da Madeira rumo aos Estados Unidos da América em 1830.

O escritor visitou a ilha do seu avô por três vezes. Era o ano de 1905, esteve com o pai, o Dr. John Randolph Dos Passos, na visita aos seus parentes madeirenses. Em 1921, John Dos Passos, a caminho da Europa na companhia do escritor E. E. Cummings, esteve no Funchal. A terceira e última vez fez-se acompanhar da sua mulher Elizabeth e da sua filha Lucy, então com 11 anos. Era o ano de 1960. A família Dos Passos foi recebida na Ponta do Sol pelas autoridades locais e por muitos dos seus parentes. Foi dia de festa na vila.

---

<sup>1</sup> Dos Passos, John, *Três Soldados*, Lisboa, Editora Arcádia, «Introdução».

*Manhattan Transfer* (1925) é o retrato de uma cidade dominada pelo capitalismo nos primórdios do século xx. Nova Iorque é a personagem principal, com as suas qualidades e defeitos e as vivências de alguns habitantes e respectivas dificuldades de adaptação à terra, às gentes e à língua, e que para muitos culminava na deportação. O autor fez uma análise sociológica da cidade, a grande metrópole, onde se vivem as mais diversas situações. O leitor interessado interroga-se sobre as grandes dificuldades dos tempos e dos homens e mulheres da época retratada.

*Manhattan Transfer* trouxe uma mudança no ponto de vista técnico e no conteúdo, introduzindo, por exemplo, as técnicas cinematográficas, caracterizadas, entre outras, pela rapidez de acção, que se desenrola sem momentos de transição). Esta mesma técnica é aplicada relativamente às personagens, mudando de uma para outras sem aviso ao leitor, colagens, impressões, anúncios, ou conversas. Sentimos a América, sentimos a «Big Apple», sentimos o bulício da grande cidade, sentimos palpar o coração da cidade, sentimos a personagem nas suas vivências. A visão global da sociedade norte-americana é ampla e impiedosa, tema que o autor irá desenvolver na sua trilogia *U.S.A.*

A exemplificar, a introdução de um capítulo que nos dá a grande profundidade com que Dos Passos nos descreve a cena. O que se irá passar a seguir?<sup>2</sup>

*«O rapaz sem pernas pára a meio do passeio na Rua Catorze... o rapaz sem pernas pára de repente, apoiado nos braços, no meio do passeio da Rua Catorze. Por entre as pernas que passam, pernas magras, pernas bamboleantes, pernas metidas em saias, em calças, calções, ali fica, completamente imóvel, apoiado nos dois braços, os olhos levantados...»*

E ainda outro exemplo:

*«Ao entardecer, os eléctricos, vermes reluzentes, vão e vêm na teia de aranha das pontes afogadas em bruma. Os elevadores sobem e descem. As luzes do porto pestanejam.»*

---

<sup>2</sup> Dos Passos, John, *Manhattan Transfer*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1989, cap. IV, «Arranha-Céus», p. 289.

*Como a seiva dos primeiros frios, homens e mulheres, às cinco horas, começam a escoar-se dos altos edifícios da Baixa. Multidões inundam os metros, desaparecem debaixo da terra. Durante a noite os edifícios erguem-se, tranquilos e vazios, os milhares de janelas apagadas...»<sup>3</sup>*

A precisão e a força destas descrições de Nova Iorque entram no espírito do leitor com tal clareza e beleza que o levam a repetir a leitura, e depois continuar...

Em toda a sua obra, John Dos Passos, com saber, exactidão e mestria, defendeu sempre a sua ideia de dignidade, liberdade e justiça social.

Maria do Carmo da Cunha Santos  
Centro Cultural John dos Passos  
Vila da Ponta do Sol (Madeira)

---

<sup>3</sup> *Idem, ibidem*, cap. III, «Portas Giratórias», p. 254.